

**900 ANOS DO NASCIMENTO DE HILDEGARDA DE
BINGEN
(1098-1179)**

Coincide a comemoração dos 900 anos de Hildegarda de Bingen com o ano da jubilação do Prof. Doutor José Geraldes Freire. Este ilustre professor dedicou a maior parte da sua actividade pedagógica e científica, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao latim medieval. Nesta área granjeou fama e admiração não só por todo o País, como além-fronteiras. Dada a feliz coincidência destes dois factos, resolvi, em homenagem a tão insigne mestre, apresentar o meu contributo para este número do BEC na área do latim medieval com este modesto artigo sobre a célebre monja mística do vale do Reno.

Comemora-se, um pouco por toda a Europa, o nono centenário do nascimento de Hildegarda de Bingen (1098-1179), uma das mulheres mais notáveis na história da cultura medieval. Nasceu no seio de uma família nobre em 1098, na pequena aldeia de Bermersheim. Sendo a mais nova de 10 irmãos, desde logo seus pais, o Conde Hildeberto de Bermersheim e sua mulher Mechthilde de Merxheim, a consagraram a Deus. Aos 8 anos, foi enviada para o mosteiro de Disibodenberg (que adoptara a Regra de S. Bento), onde sua tia Jutta, a abadessa do convento, a iniciou na leitura da Bíblia, da Liturgia, da Regra de S. Bento, no canto dos Salmos e na escrita. O monge Volmar, que viria a ser mais tarde o seu secretário ao longo de trinta anos, aprofundava com as discípulas o estudo do latim e da gramática.

As monjas desse mosteiro levavam uma vida de ascese, e, afastadas do mundo, passavam grande parte do tempo em oração, contemplação, entregando-se ainda a várias actividades artesanais.

A proximidade da igreja do mosteiro beneditino proporcionou a Hildegarda a iniciação à música litúrgica, cujos conhecimentos ela mais tarde viria a utilizar nas suas próprias composições.

Os seus poderes visionários, que se haviam manifestado logo desde muito tenra idade, foram-se desenvolvendo ao longo dos anos. Hildegarda confiava essas visões apenas a sua tia Jutta e ao monge Volmar, seu secretário. Trinta anos depois de ter entrado no mosteiro, morre a abadessa, sua tia, e Hildegarda sucede-lhe como madre superiora e espiritual.

Em 1141, o Espírito Santo concede-lhe o dom do entendimento das visões e da Sagrada Escritura e ordena-lhe que anote o que observa nas visões para posteriormente as interpretar e revelar. Inicialmente recusa fazê-lo, por humildade, mas, após ter sido acometida de uma grave enfermidade, compreende que, com a sua atitude, está a obstruir a vontade divina e resolve pô-la em prática. Nesse sentido, aconselha-se junto de S. Bernardo de Claraval, em 1147, sobre a oportunidade da revelação das maravilhas divinas. É ao longo desta época que ela se dedica à redacção das suas visões: a sua grande obra mística, *Nosce vias [Domini]* habitualmente conhecida sob a designação de *Scivias* – *sci vias*, i. e., "conhece os caminhos (do Senhor)" –, e que conclui em 1151. Por ocasião do Sínodo de Trier, em 1147/48 (Trier dista apenas cerca de 130 Km de Disibodenberg), S. Bernardo submete o seu caso à apreciação do Papa Eugénio III, que envia uma comissão a Disibodenberg para investigar o caso. Esta regressa com um parecer positivo, trazendo consigo uma parte da "Scivias". O Papa lê o texto diante dos padres conciliares. O entusiasmo é tal que Eugénio III reconhece os dons de Hildegarda e a confirma profetisa da Igreja, exortando-a a concluir a redacção das visões.

Logo a sua fama alastra por todo o mundo e é-lhe atribuído o cognome de "Sibila do Reno". Todavia, não se poderá comparar o papel de Hildegarda ao de um vate ou de um adivinho que prevê o futuro. As "profecias" de Hildegarda não são mais que revelações de ordem teológica, sobre verdades da fé.

O seu renome confere-lhe o estatuto de autoridade religiosa, de personagem pública. Papas, Imperadores, Bispos, Abades e Abadessas enviavam regularmente os seus emissários para a consultarem acerca

dos problemas que os inquietavam, o que se tornava ainda mais notável tendo em conta que a mulher, até há bem pouco tempo – não era só na sociedade medieval –, não tinha qualquer papel relevante, não sendo tida nem achada para o que quer que fosse. A correspondência que os homens mais poderosos da época lhe endereçavam denota a elevada consideração, admiração e veneração que eles nutriam pela profetisa teutónica. A sua fama estende-se pelo Império Germânico até à Dinamarca, Inglaterra, França, Itália e Grécia.

Em 1150, Hildegarda funda o mosteiro de Rupertsberg junto a Bingen, nas margens do Reno, independente da comunidade de Disibodenberg. Segue-se uma intensa actividade literária, religiosa e mesmo política, não hesitando intervir em questões seculares, sobretudo quando estas punham em perigo as instituições religiosas, como foi o caso, por exemplo, quando ameaçou o próprio imperador Frederico Barba-roxa por ocasião de uma das muitas disputas medievais entre o poder secular e o temporal. Não se coíbe de denunciar e criticar abertamente injustiças, escândalos ou situações de corrupção.

Era uma personalidade carismática e a sua grande sabedoria, o dom da sua palavra tocava fundo nos corações dos seus contemporâneos. A evangelização era uma preocupação sempre presente, que não a deixava repousar. Consciente dos seus poderes, empreende quatro grandes viagens de pregação pela Europa central convertendo uns e exortando outros a uma conversão interior. Além disso, visitava regularmente quinze mosteiros germânicos.

As cerca de trezentas cartas – em latim, como é óbvio – que chegaram até nós demonstram a intensidade e o âmbito da sua acção multifacetada. Os seus correspondentes pertenciam a todas as classes sociais e repartiam-se pela Alemanha, Inglaterra, Holanda, França, Suíça, Itália e Grécia. Como não podia deixar de ser, muitas das cartas são dirigidas a mosteiros. Como ela os conhecia pessoalmente através das suas viagens, mais facilmente podia contribuir para resolver as suas dificuldades.

Apesar da sua débil saúde, agravada pelos sacrifícios e momentos de ascese, Hildegarda atingiu a idade de 81 anos. Cristo revelara-lhe o dia da morte: 17 de Setembro de 1179. É sepultada no coro da Igreja do Rupertsberg, diante do altar-mor. Em 1642 foi trasladada para a igreja paroquial de Eibingen (Rüdesheim am Rhein), onde Hildegarda havia fundado outro mosteiro.

Muitos vener(ar)am-na como santa, embora só (ainda) tenha sido beatificada, e é padroeira dos linguistas.

Nas últimas décadas despertou o interesse por esta grande figura medieval, de tal modo que há quem fale de um "Renascimento Hildegardiano".

Escreveu três grandes obras teológicas sob a forma de visões. Na primeira, *Scivias* (1141-1151), obra tripartida e com 26 visões, Hildegarda traça a história da salvação: a criação do mundo e o pecado original (1), a redenção de Cristo e a prossecução desses objectivos através da Igreja (2), e a construção da História da Salvação até à consumação dos tempos (3). A história de Deus e do Homem, com os afastamentos e reaproximações deste relativamente ao Criador, é repetidamente interpretada em novas imagens realçadas pela força expressiva da sua linguagem. Nestas visões, Hildegarda põe em prática todas as suas qualidades de teóloga, dramaturga, poetisa e compositora. O conteúdo intelectual e teológico destas visões revela uma clareza e, ao mesmo tempo, uma profundidade surpreendentes. O seu misticismo de alta craveira inscreve-se na corrente mística que culminou com Mestre Eckhart.

Na segunda obra, o *Liber uitae meritum* (1158-1163) (Livro dos méritos da vida), e na terceira, *Liber diuinorum operum* (1163-1174) (Livro das obras divinas), expõe a sua teologia do microcosmos e macrocosmos, sobre o posicionamento do Homem no projecto divino da Criação e a sua relação comportamental no âmbito desse macrocosmos. No *Liber uitae meritum* desenvolve-se um agon entre as *Virtutes* divinas e os *Vitia* ao longo de 35 pares de antagonismos. O *Liber diuinorum operum* é uma cosmologia, onde Deus, trino, é o

senhor absoluto da criação que procura conduzir o Universo e o Homem com o Seu amor: a Caridade.

Redigiu o *Liber simplicis medicinae*, mais vulgarmente conhecido por *Physica*, e o *Liber compositae medicinae*, comumente designado por *Causae et Curae* (1150). A primeira obra está dividida em 9 livros com 513 capítulos sobre as plantas, elementos, árvores, minerais, peixes, aves, mamíferos, répteis e a origem dos metais. A segunda, trata das doenças de todo o corpo humano, o nutricionismo e a digestão, as agitações do espírito, o sono, etc.

Até há bem poucos anos, Hildegarda era conhecida essencialmente graças a estas obras. Ambas são conhecidas sob a designação de *Liber subtilatum diuersarum naturarum creaturarum* (Livro das subtilezas das diversas naturezas das criaturas).

Hoje em dia muito está em voga a medicina alternativa, que, por muito polémica que ela – ou algumas das suas vertentes – possa ser, já era utilizada por Hildegarda nas suas receitas: a naturopatia, a homeopatia, a fitoterapia, a magnetoterapia, a cromoterapia, o poder terapêutico dos minerais e das forças cósmicas, em geral. É certo que, algumas vezes, Hildegarda se limitava a transcrever crenças pagãs e outras superstições. Assim acontece, por exemplo, com a receita que Hildegarda propunha para a impotência sexual: este "Viagra medieval" não era mais do que uma mistura de saião com leite de cabra e alguns ovos! Trata-se obviamente de uma reminiscência da superstição pagã. Não se escandalize o leitor com a finalidade desta mezinha. É com um incrível espírito de abertura, nem sequer ousado, alguns séculos mais tarde, por um Paracelso, que Hildegarda aborda as questões da vida sexual, a gravidez, o parto, revelando, além disso, bons conhecimentos da patologia ginecológica, o que é espantoso para uma monja e abadessa.

Hildegarda tinha um conhecimento muito prático da medicina. Não utilizava os termos técnicos da época. Os seus conhecimentos de anatomia são muito rudimentares e a designação das doenças passa por uma descrição muito generalizante. A sua perspectiva científica

herdara-a da cosmologia grega dos quatro elementos – fogo, ar, água e terra – com as suas características complementares de calor, seca, humidade e frio e os quatro humores do corpo humano – cólera (bílis amarela), sangue, fleuma e melancolia (bílis negra).

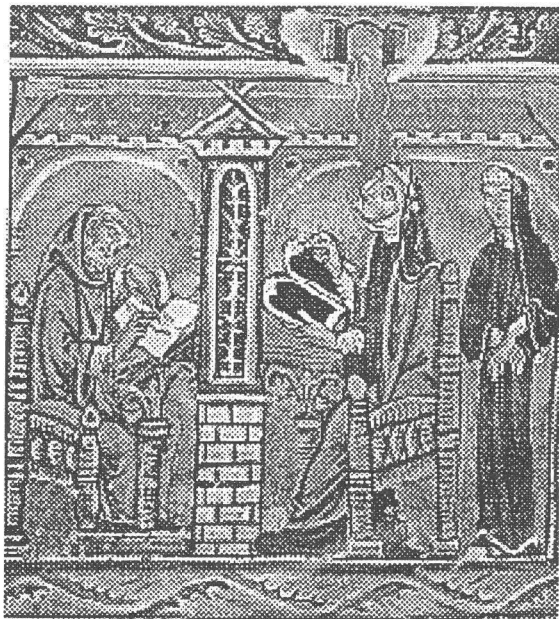
Os seus conhecimentos médicos resultam não só do contacto com os muitos doentes que a procuravam na esperança de um conselho, de uma cura, mas também da sua própria experiência, pois ao longo da sua vida foi muito atormentada pela doença. O facto de ela ser beneditina torna-se ainda mais interessante para a História da Medicina, uma vez que uma das obrigações dos Beneditinos era cuidar dos doentes.

O objecto da medicina de Hildegarda é precisamente o Homem. A sua concepção filosófica do Homem resume-se no seguinte passo: "O Homem é a obra de todas as obras de Deus. Olhai bem para o Homem! Ele engloba em si o céu e a Terra e o conjunto de toda a criação universal. É assim que no Homem reside, oculto, o Todo.". É nesta visão antropocêntrica do universo que se integra a prática terapêutica de Hildegarda, mas é um antropocentrismo teocêntrico, porque o Homem reflecte a imagem de Deus. Se o Universo converge para o Homem, este, por sua vez, converge (ou deve convergir) para Deus. Tudo o que Hildegarda faz visa o Transcendente: tem por finalidade a salvação do Homem, que é o motivo principal da criação e em função do qual tudo o mais existe.

Por isso, o seu "tratado de medicina" é igualmente um compêndio da Fé. Coloca a saúde do corpo e da alma no mesmo plano. A unidade da Criação está em sintonia com a ordem cósmica. A desordem de uma pode comprometer a harmonia da outra. O Homem, que está no centro das duas, precisa, por vezes, da medicina para manter esse equilíbrio. Na verdade, o pecado original perturbou a harmonia perfeita. A doença e a morte são uma consequência dessa primeira desordem. A medicina tem por finalidade contribuir para a harmonia entre a fisiologia humana e as forças cósmicas, pois é esta harmonia que garante a saúde.

Além disso, noutra perspectiva da ordem cósmica, estão as relações do Homem com o seu semelhante. Hildegarda chama a atenção para estes três tipos de relacionamento: o que vai do Homem para Deus, o que o Homem recebe da Terra e a interação entre os vários indivíduos. O que importa na vida, segundo Hildegarda, é que o Homem reconheça até que ponto e como é que o Homem se encontra imbricado nesta tessitura de relações.

Assim se compreende a defesa da causa da mulher, que, durante muito tempo, foi inferiorizada, votada ao desprezo e responsabilizada pela perda do Paraíso. Vários séculos antes dos movimentos feministas, já Hildegarda preconizava a reabilitação social da mulher, uma igualdade entre Adão e Eva, porque ambos eram feitos da mesma carne. Aduzia o mesmo argumento para justificar a perfeita união conjugal. Nessa mesma ordem de ideias, não negava à mulher o direito à fruição do acto sexual. Aliás, Hildegarda concebia o prazer sexual como uma reminiscência, uma recordação do Paraíso, donde homem e mulher haviam sido expulsos – o que faz lembrar a teoria platónica das ideias. Não se trata, pois, de uma atitude feminista, no sentido actual do termo, nem ela assume a defesa do sexo fraco por ela própria ser mulher. Ao perspectivar as relações humanas na obra da criação, ela visa, de um modo geral, o relacionamento do Homem (homo) com o seu semelhante, seja este homem (uir) ou mulher (femina).



Hildegarda com o seu secretário, o monge Volmar (Lucca, Biblioteca Statale, ca. 1240)

Entre 1151 e 1158 reuniu as peças musicais que compusera para uso do mosteiro e a esta colecção deu o título de *Symphoniae harmoniae celestium reuelationum*. Ela própria escreveu a música e os textos desses 77 cânticos, na maior parte hinos e sequências em honra dos santos e da Virgem Maria destinados à Liturgia das Horas, e antífonas.

Compôs ainda uma opereta intitulada *Ordo Virtutum*, onde ela encena o eterno combate entre o Bem e o Mal em 35 diálogos. Hildegarda tinha um talento especial para compor letra e música. O mistério *Ordo Virtutum* é uma obra excepcional para a época, sobretudo se tivermos em conta que foi composto por uma mulher, tendo sido ela igualmente a dirigir a representação no seu mosteiro de Rupertsberg – o que é invulgar para o século XII, sob todos os aspectos.

Para Hildegarda, a música era um meio de captar a alegria original e a beleza do Paraíso. Dizia que, antes do pecado original, Adão tinha uma voz puríssima que acompanhava a dos anjos na glorificação de Deus. Talvez seja por isso que a sua música faz lembrar aquilo que nós imaginávamos ser a voz dos anjos.

A sua música está actualmente a atravessar uma fase de grande revivalismo. A edição e reinterpretação das suas composições musicais tem tido um enorme sucesso, nomeadamente as que têm sido realizadas pelo grupo *Sequentia* (um ensemble que se dedica à música da Idade Média). Este grupo editou, em 1982, o drama musical *Ordo Virtutum*, com o qual programaram quatro *tournées* pela Europa e América do Norte. Em 1983 começaram a gravar algumas das *symphoniae* de Hildegarda, mas foi o disco *Canticles of Ecstasy* (1994), um best-seller, que lhes trouxe projecção internacional.

Ilustremos o talento de Hildegarda com uma das suas mais famosas sequências *O Ignis Spiritus Paracliti*.

O Ignis Spiritus Paracliti

O ignis Spiritus Paracliti,
vita vite omnis creature,
sanctus es vivificando formas.

Sanctus es unguendo
periculose fractos;
sanctus es tergendo
fetida vulnera.

O spiraculum sanctitatis,
o ignis caritatis,
o dulcis gustus in pectoribus
et infusio cordium
in bono odore virtutum.

O fons purissime,
in quo consideratur
quod Deus alienos colligit
et perditos requirit.

O lorica vite
et spes compaginis membrorum omnium,
et o cingulum honestatis:
salva beatos.

Custodi eos
qui carcerati sunt ab inimico,
et solve ligatos
quos divina vis salvare vult.

O iter fortissimum,
quod penetravit omnia,
in altissimis et in terrenis
et in omnibus abyssis,
tu omnes componis et colligis.

De te nubes fluunt,
ether volat,
lapides humorem habent,
aque rivulos educunt,
et terra viriditatem sudat.

Tu etiam semper educis doctos
per inspirationem sapiente letificatos.

Unde laus tibi sit
qui es sonus laudis

et gaudium vite,
spes et honor fortissimus
dans premia luicis.

Tradução

‘O fogo do Espírito Paráclito,
vida da vida de toda a criatura,
és santo, porquanto insuflas vida às formas.

És santo, porquanto
balsamizas os feridos graves;
és santo, porquanto limpas
as fétidas feridas.

O sopro de santidade,
ó fogo de caridade,
ó doce gosto no peito
e infusão dos corações
no bom aroma das virtudes.

‘O fonte puríssima,
na qual se pode ver
como Deus recolhe os extraviados
e procura os perdidos.

‘O couraça protectora da vida
e esperança unificadora de todos os membros,
e ó cinto de honra:
salva os bem-aventurados.

Protege todos os
que foram encarcerados pelo inimigo,

e liberta os acorrentados
os quais a força divina pretende salvar.

‘O caminho poderosíssimo,
que em tudo penetrou,
nas maiores alturas e na terra
e em todos os abismos,
tu a todos juntas e reúnes.

De ti manam as núvens,
voa o éter,
as pedras se humedecem,
as águas produzem riachos,
e a terra transpira verdura.

Também tu produzes sábios
fecundados pela inspiração da Sabedoria.

Louvor a ti,
que és o som do louvor
e a alegria da vida,
a esperança e a mais distinta honra,
que concede o prémio da luz.

Esta sequência sintetiza não só toda a actividade de Hildegarda, como também toda a filosofia da sua doutrina. Senão vejamos:

Na primeira estrofe, identificamos a doutrina do projecto divino da Criação. Na segunda estrofe, revemos a sua preocupação em tratar dos enfermos em que a cura é directamente atribuída à vontade do Espírito Santo. Na terceira estrofe, podemos divisar uma forte e densa simbologia: o Espírito Santo surge associado, em belíssima harmonia, ao macro-cosmos, nos seus quatro elementos – fogo, ar, água e terra –, representando o *spiraculum sanctitatis* o ar; o *ignis caritatis*, o fogo; a

infusão, com o seu doce gosto e aroma, o duplo valor da água e da terra, pois as ervas com que a infusão é preparada são fruto da terra. A primeira imagem que nos vem à mente é a da ervanária Hildegarda preparando uma infusão de plantas; a bebida destilada, reconfortante para o corpo, que irá aquecer o peito, o coração; e o vapor subindo no ar, exalando o seu aroma, gostosamente inebriante. Todos os sentidos são interpelados! Assim também o Espírito Santo infunde nos corações o fogo do seu amor, da sua caridade, de tal maneira que estes o absorvem e aconchegam no seu peito, para depois o "exalarem" sob a forma de virtudes. Temos aqui fusão do macro-cosmos, nos seus vários elementos, dentro do micro-cosmos, que é o Homem, na filosofia de Hildegarda. Daí resulta ainda a perfeita união ou harmonia da Criação com o Transcendente, seu criador.

Na quarta estrofe, aflora um aspecto fulcral da *Scivias*: os desencontros e reencontros entre Deus e o Homem, quer os que apenas se desencaminharam das *vias* do Senhor, quer os que se encontram perdidos e que o Senhor procura trazer a Si.

Seguem-se exortações ao Espírito Santo para salvar a humanidade. Todos, incluindo os mais desgraçados, os casos mais desesperados não estão livres de serem atingidos pelos raios penetrantes da misericórdia divina.

Segue-se novamente uma alusão a três dos quatro elementos, que é simultaneamente uma breve descrição do ciclo da água, ciclo vital, pois sem água não há vida. Esta imagem traduz, mais uma vez, a perspicácia de Hildegarda, o seu poder de observação e a sua compreensão da natureza.

A sequência remata com o fim supremo da Criação: a concessão do prémio da luz eterna.

Bibliografia:

Acker, Lieven van, *Hildegardis Bingensis Epistolarium. Pars prima: 1-90; pars secunda: 91-250^f*. Edidit ..., (Corpus christianorum, Continuatio mediaevalis 91.91^A). Turnholti, 1991sqq.

Baird, Joseph L.; Ehrman, Radd K., *The Letters of Hildegard of Bingen*. Vol. 1. Translated by ..., Oxford, 1994.

Barth, Pudentiana; Ritscher, Immaculata; Schmidt-Görg, Joseph, *Hildegard von Bingen. Lieder*. Nach den Handschriften herausgegeben von ..., Salzburg, 1969.

Berschin, Walter; Schipperges, Heinrich, *Hildegard von Bingen. Symphonia. Gedichte und Gesänge. Lateinisch und Deutsch*. [Herausgegeben von Walter Berschin und übersetzt von Heinrich Schipperges], Gerlingen, 1995.

Böckeler, Maura, *Hildegard von Bingen. Wisse die Wege. Scivias*. Nach dem Originaltext des illuminierten Rupertsberger Kodex der Wiesbadener Landesbibliothek ins Deutsche übertragen und bearbeitet von Salzburg, 1981.

Carlevaris, Angela, *Hildegardis Liber vite meritorum*. Edidit ..., (Corpus christianorum, Continuatio mediaevalis 90), Turnholti, 1995.

Centre de Traitement Électronique des Documents (CETEDOC), Universitas Catholica Lovaniensis Lovanii Novi, *Vita Sanctae Hildegardis* : [CM 126], (Corpus Christianorum : Instrumenta lexicologica Latina : Series A ; 75), Turnhout, 1993.

Chávez Alvarez, Fabio, "Die brennende Vernunft". *Studien zur Semantik der "rationalitas" bei Hildegard von Bingen* (Mystik in Geschichte und Gegenwart. Texte und Untersuchungen. Abt. I: Christliche Mystik. 8.), Stuttgart-Bad Cannstatt, 1991.

Davidson, Audrey Ekdahl, *Hildegard von Bingen. Ordo virtutum*. Critical studies edited by ... [Translated by Bruce Hozeski and Gunilla Iversen], Kalamazoo, Michigan, 1992.

Derolez, A[lbert]; Dronke, P[eter], *Hildegardis Bingensis Liber divinorum operum*. Cura et studio ..., (Corpus christianorum, Continuatio mediaevalis 92), Turnholti, 1996.

Dronke, Peter, "Platonic-christian allegories in the Homilies of Hildegard of Bingen.", *From Athens to Chartres. Neoplatonism and medieval thought. Studies in honour of Edouard Jeauneau*. Edited by Haijo Jan Westra, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters; 35), Leiden, 1992, 381-396.

Dronke, Peter, "Problemata Hildegardiana", *Mittellateinisches Jahrbuch* 16 (1981) 97-131.

Flanagan, Sabina, *Hildegard of Bingen, 1098-1179. A Visionary Life*, London and New York, 1989.

Flanagan, Sabina, *Secrets of God: Writings of Hildegard of Bingen*, selected and translated from Latin by ..., London and Boston, 1996.

Fox, Matthew, *Illuminations of Hildegard of Bingen*. Text by Hildegard of Bingen with commentary by ..., Santa Fe, N.M., 1985.

Führkötter OSB, Adelgundis, *Hildegard von Bingen*, Salzburg, 1983.

Führkötter OSB, Adelgundis, *Hildegard von Bingen. Briefwechsel*. Nach den ältesten Handschriften übers. u. nach d. Quellen erl. von ..., Salzburg, 1965.

Führkötter OSB, Adelgundis, *Hildegardis Scivias*. Edidit ..., collaborante Angela Carlevaris. 2 vol. (Corpus christianorum, Continuatio mediaevalis 43. 43A), Turnholti, 1978.

Hart, Columba; Bishop, Jane, *Scivias*. Transl. ..., (The Classics of Western Spirituality), New York, 1990.

Hozeski, Bruce W., *Hildegard of Bingen: the Book of the rewards of life (Liber vitae meritorum)*. Transl. by ..., New York, 1994.

Kaminski, Nicola, *Hildegardis Magna. Dido. Venus. Helvetiogermani*. Historisch-kritische Edition. Übersetzung. Kommentar. Herausgegeben, übersetzt und kommentiert von 2

Bde. (1: Historisch-kritische Edition der lateinischen Texte und deutsche Übersetzung; 2: Überblicks- und Stellenkommentare), Bern, 1995.

Keller, Hildegard Elisabeth, *Wort und Fleisch. Körperallegorien, mystische Spiritualität und Dichtung des St. Trudpeter Hoheliedes im Horizont der Inkarnation*, Bern etc., 1993.

Kerner, Charlotte, "Alle Schönheit des Himmels". *Die Lebensgeschichte der Hildegard von Bingen*, Weinheim und Basel, 1993.

Klaes, Monika, *Vita Sanctae Hildegardi*, cura et studio Monicae Klaes, (Corpus Christianorum : Continuatio Mediaevalis ; 126), Turnholti, 1993

Lautenschläger, Gabriele, *Hildegard von Bingen. Die theologische Grundlegung ihrer Ethik und Spiritualität*, (Mystik in Geschichte und Gegenwart, Abt. 1, 10), Stuttgart-Bad Cannstatt, 1993.

Lauter, Werner, *Hildegard-Bibliographie. Wegweiser zur Hildegard-Literatur* (Alzeyer Geschichtsblätter. Sonderheft 4.), Alzey, 1970.

Lauter, Werner, *Hildegard-Bibliographie. Wegweiser zur Hildegard-Literatur*. Bd. 2 1970-1982, Alzey, 1984.

Liebeschütz, Hans, *Das allegorische Weltbild der heiligen Hildegard von Bingen*. Unveränd. reprograf. Nachdr. d. Ausg. Leipzig u. Berlin 1930. Darmstadt, 1964.

Migne, J.-P., *S. Hildegardis Abbatissae Opera omnia : ad optimorum librorum fidem edita ; physicae textum primus integre publici juris fecit Dr. Car. Daremberg , accurante ...*, [repr.], (Patrologia Latina ; 197), Turnholti, [circa 1960].

Moulinier, Laurence, "Une encyclopédie sans précédent? Le cas de Hildegarde de Bingen.", *L'enciclopedismo medievale , Atti del convegno 'L'enciclopedismo medievale', San Gimignano, 8-10 ottobre 1992*. A cura di Michelangelo Picone, (Memoria del tempo; 1), Ravenna, 1994, 119-134.

Newman, Barbara, *Saint Hildegard of Bingen. Symphonia. A critical edition of the 'Symphonia armonie celestium revelationum' (Symphony of the harmony of celestial revelations)*. With introduction, translations, and commentary by ..., ed. Newman, Barbara, Ithaca, 1988.

Newman, Barbara, *Sister of Wisdom. St. Hildegard's Theology of the Feminine*, Berkeley/Los Angeles/London, 1987.

Nigg, Walter, *Hildegard von Bingen, Lieder*, Salzburg, 1992.

Riethe, Peter, *Hildegard von Bingen. Das Buch von den Vögeln*. Nach den Quellen übersetzt und erläutert von ..., Salzburg, 1994.

Riethe, Peter, *Hildegard von Bingen: Das Buch von den Fischen*. Nach den Quellen übersetzt und erläutert von ... , Salzburg, 1991.

Riethe, Peter, *Hildegard von Bingen: Das Buch von den Tieren*. Nach den Quellen übersetzt und erläutert von ... , Salzburg, 1996.

Riethe, Peter, *Hildegard von Bingen: Naturkunde : das Buch von dem inneren Wesen der verschiedenen Naturen in der Schöpfung*. Nach den Quellen übersetzt und erläutert von ..., Salzburg, 1959.

Santos Paz, José C., "Modo de percepción y modo de representación: las 'tabulae' del 'Scivias'.", *Fabula in tabula. Una storia degli indici dal manoscritto al testo elettronico. Atti del Convegno di studio della Fondazione Ezio Franceschini e della Fondazione IBM Italia. Certosa del Galluzzo, 21-22 ottobre 1994*. A cura di Claudio Leonardi, Marcello Morelli e Francesco Santi, Spoleto, 1995, 79-97.

Santos Paz, José Carlos, "Una nota sobre la edición del epistolario de Hildegarde: el texto de la Epist. LXXXIV R.", *Studi medievali* 34.2 (1993) 797-803.

Scherer, Wolfgang. *Hildegard von Bingen. Musik und Minnemystik*, Freiburg i. Br., 1987.

Schipperges, Heinrich, *Der Garten der Gesundheit. Medizin im Mittelalter*. Mit 46 Abbildungen. München, 1990.

Schipperges, Heinrich, *Hildegard von Bingen* (Beck'sche Reihe 2008), München, 1995.

Schipperges, Heinrich, *Hildegard von Bingen. Welt und Mensch: das Buch 'De Operatione Dei'*. Aus dem Genter Kodex übers. und erl. von ..., Salzburg, 1965.

Schmidt, Margot, *Die fragende Schau der heiligen Hildegard*. Leutesdorf, 1992.

Schmidt, Margot, *Tiefe des Gotteswissens - Schönheit der Sprachgestalt bei Hildegard von Bingen. Internationales Symposium in der Katholischen Akademie Rabanus Maurus Wiesbaden-Naurod vom 9. bis 12. September 1994*. Hrsg. von (Mystik in Geschichte und Gegenwart. Texte und Untersuchungen. Abt. I. Hrsg. von Margot Schmidt und Helmut Riedlinger. Bd. 10.), Stuttgart-Bad Cannstatt, 1995.

Schrader OSB, Marianna, *Die Herkunft der heiligen Hildegard*, Mainz, 1901.

Schrader OSB, Marianna; Führkötter OSB, Adelgundis, *Die Echtheit des Schrifttums der heiligen Hildegard von Bingen : quellenkritische Untersuchungen*, (Beihefte zum Archiv für Kulturgeschichte ; 6). Köln, 1956.

Storch OSB, Walburga, *Heilige Hildegard. Briefwechsel mit Wibert von Gembloux*. Hrsg. und übers. von ... mit einem kunstgeschichtlichen Beitrag von Werner Lauter. Augsburg, 1993.

Storch OSB, Walburga, *Hildegard von Bingen. Wisse die Wege. Eine Schau von Gott und Mensch in Schöpfung und Zeit*. Übers. und hrsg. von ... Aschaffenburg, 1991.

Strehlow, Wighard, *Das Hildegard von Bingen-Kochbuch*, 2. Auflage, München, 1996.

Strehlow, Wighard, *Hildegard-Heilkunde von A-Z*, München, 1996.

Ulrich, Ingeborg, *Hildegard von Bingen: Mystikerin, Heilerin, Gefährtin der Engel*, München, 1995.

Weeks, Andrew, *German mysticism from Hildegard of Bingen to Ludwig Wittgenstein : a literary and intellectual history*, Albany, 1993.

Widmer, Bertha, *Heilsordnung und Zeitgeschehen in der Mystik Hildegards von Bingen*, Basel, 1955.

Widmer, Bertha, "Zum Frauenverständnis Hildegards von Bingen". *Theologische Zeitschrift*. 45,2/3 (1989) 125-141. (Festschrift für Martin Anton Schmidt zum 70. Geburtstag am 20. Juli 1989).

Winterfeld, Paul von, "Die vier Papstbriefe in der Briefsammlung der heiligen Hildegard.", *Paul von Winterfeld, Von Horaz bis Hrotsvith von Gandersheim. Gesammelte Schriften*. Herausgegeben von Wolfgang Maaz und Fritz Wagner, (Spolia Berolinensia. Berliner Beiträge zur Mediävistik; 6), Hildesheim, 1996, 138-145.

Discografia:

HILDEGARD OF BINGEN CANTICLES OF ECSTASY. Sequentia; Deutsche Harmonia Mundi 77320 12/94 (trata-se do "best-seller" dos discos sobre as composições de Hildegarda)

A FEATHER ON THE BREATH OF GOD: SEQUENCES AND HYMNS BY ABBESS HILDEGARD OF BINGEN. Gothic Voices, com Emma Kirkby, sob a direcção de Christopher Page; Hyperion DCA 66039 2/88 (este disco marcou o revivalismo musical hildegardiano em 1983).

HILDEGARD VON BINGEN SYMPHONIAE: SPIRITUAL SONGS. Sequentia, Ensemble for Medieval Music; EMI/deutsche harmonia mundi 49251 10/89 (gravado em 1985, trata-se de um dos melhores discos sobre a música de Hildegarda de Bingen; algumas das seqüências encontram-se incluídas num outro disco de 1993, intitulado Ancient Music for a Modern Age - RCA Victor Red Seal BMG 9026-61868-2).

HILDEGARD VON BINGEN ORDO VIRTUTUM (PLAY OF THE VIRTUES). Sequentia; Carmen-Renata Köper, William Mockridge; deutsche harmonia mundi BMG 77051-2-RG (2 CDs) 4/90.

HILDEGARD VON BINGEN UND IHRE ZEIT; pelo Ensemble de Música Antiga de Augsburg; Christophorus 74584 3/93.

HILDEGARD VON BINGEN (1098-1179). Lieder und Antiphonen; Christophorus CHE 0041-2 11/93.

HILDEGARD VOICE OF THE BLOOD. Sequentia; Deutsche Harmonia Mundi, 05472-77346-2.

HILDEGARD VON BINGEN, HEAVENLY REVELATIONS. Hymns, Sequences, Antiphons, Responds; pela Oxford Camerata sob a direcção de Jeremy Summerly.

HILDEGARD VON BINGEN, O NOBILISSIMA VIRIDITAS; sendo solista principal Catherine Schroeder, Champeaux CSM 006.

HILDEGARD VON BINGEN. Sequências e Antifonas; BMG Catalyst (09026-68329-2); execução de Judith Malafronte.

ANTÓNIO REBELO

CARMINA BVRANA:

BACCHE, BENE VENIES

Apresentei no nº 26 do Boletim de Estudos Clássicos uma modesta introdução às composições poéticas do *Codex Buranus*, o manuscrito medieval descoberto em 1803, que durante 500 anos pertenceu a um antigo mosteiro de São Bento, situado nos Alpes da Baviera, e que Napoleão levou consigo para o Múnaco.¹ Os poemas, conhecidos por *Carmina Burana*, não dispõem ainda de tradução em português, e por isso a sua leitura tem estado limitada apenas a especialistas.

No entanto, desde que Karl Orff compôs as cantatas do mesmo nome, aqueles textos poéticos tornaram-se mais célebres, a ponto de serem vulgarmente identificados com a moderna obra musical. Verdade seja dita, todas estas poesias se destinavam a serem cantadas, embora só trinta nos tenham chegado acompanhadas da respectiva notação musical. Entre estas, encontramos composições de carácter popular e outras mais elaboradas, umas inspiradas nos modos próprios do canto gregoriano, outras concebidas à semelhança da lírica de amor trovadoresca.

Escolheu a interpretação musical de Karl Orff uma das canções mais sugestivas do conteúdo dos novos *carmina*. *In taberna quando sumus*, a que já tive oportunidade de aludir, representa na verdade um vasto grupo de composições (afinal, as mais conhecidas) que exaltam o vinho e o jogo, e que acabaram por caracterizar simbolicamente todo o cancionero.² Por esta razão se tornou comum associar à boémia a vida errante dos pobres estudantes, conhecidos por goliardos. Se bem que a cultura destes homens não se reduziu às tabernas, com seu vinho,

¹“CARMINA BVRANA: a juventude é tempo para folgedos” *Boletim de Estudos Clássicos* 26 (1996) pp.74-81.

²“CARMINA BVRANA: Exul ego Clericus” *Boletim de Estudos Clássicos* 27 (1997) pp.92-93. Vd. também VELOSO, Teresa, “A importância do vinho na vida académica medieval”, *Revista Portuguesa de História* 30 (1995) pp.103-111, onde se encontra uma tradução integral daquela poesia, da autoria de José Galdes FREIRE.